

# A NOTRE-DAME DE PARIS

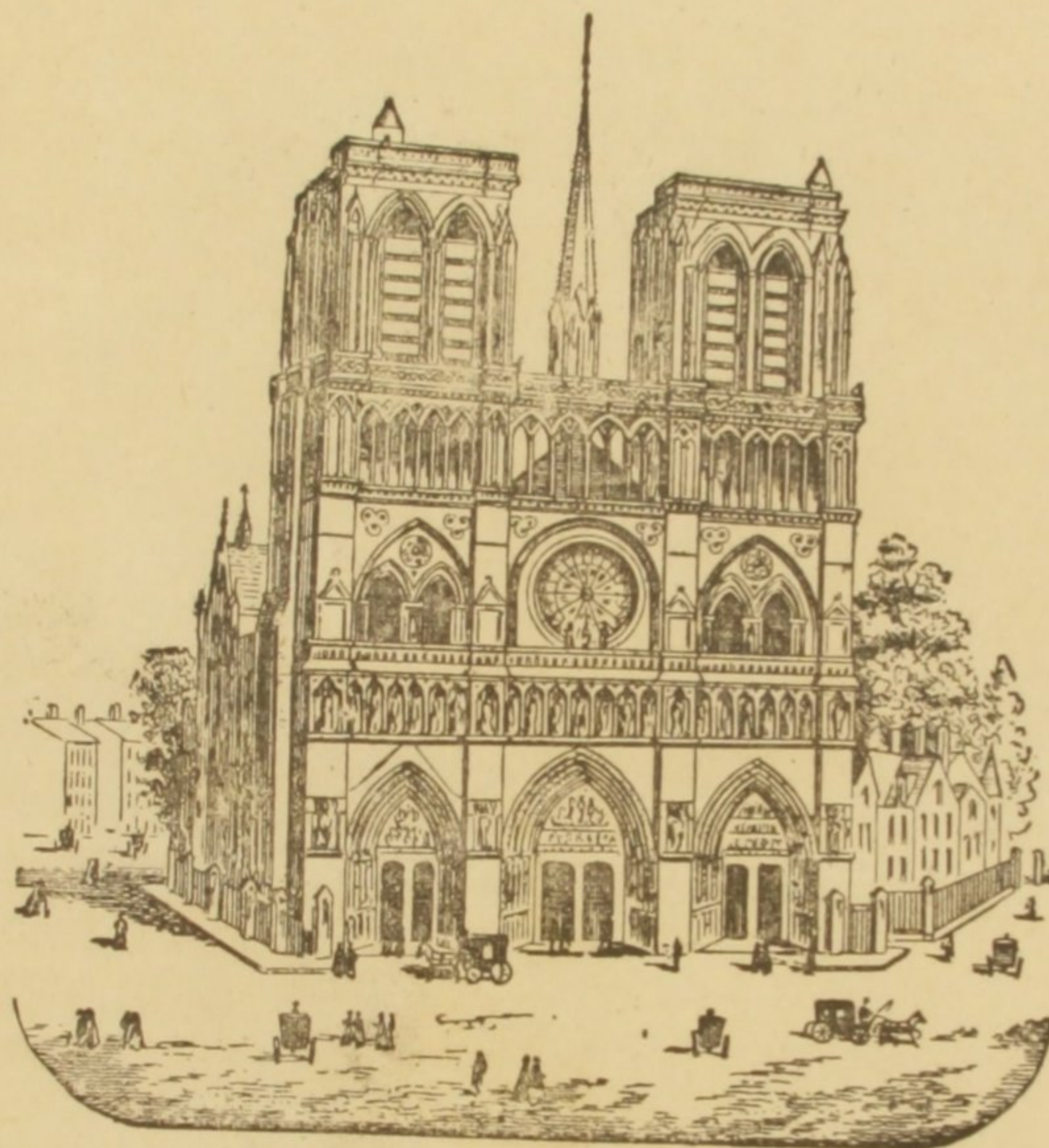
OS PRIMEIROS ARMAZENS DO IMPERIO NA ESPECIALIDADE DE FAZENDAS E MODAS  
RIO DE JANEIRO

PREÇO FIXO E A' VISTA  
RUA DO OUVIDOR

LARGO DE

SÃO

Francisco de Paula



TRAVESSA

DO

ROSARIO

De 1 de Novembro em diante

## GRANDE VENDA ANNUAL

Animada pelo desenvolvimento sempre crescente dos seus negocios e desejando ampliar, tanto na Côte como nas provincias, o numero já avultado das suas relações commerciaes, a administração de NOTRE-DAME DE PARIS procederá, de 1º de Novembro em diante, antes do balanço, á GRANDE VENDA DE FIM DE ANNO, saldando por PREÇOS SEM EXEMPLO todas suas mercadorias, á vista da grande quantidade d'estas.

E' franca a entrada no estabelecimento, todos os artigos estarão expostos, tornando-se d'esta arte mais facil a escolha. Em cada objecto ha um rotulo, no qual se acha marcado em algarismos o PREÇO FIXO.

Toda e qualquer mercadoria que não corresponde á garantia dada ou não agrada, é sem difficuldade trocada ou o seu importe restituído, á vontade do Comprador.

Quer se deseje visitar os armazens ou fazer compras, quer tomar informações, pedir trocas de artigos ou restitução do seu importe, em todos os casos é prescripta aos empregados a maior cortezia. Devem elles apontar qualquer defeito das mercadorias e afiançar tao sómente as reconhecidamente boas.

Roga-se ás pesssas que tiverem de apresentar reclamações o favor de dirigirem-se á CAIXA, onde serão sempre tomadas em consideração as suas queixas.

A administração remette, livres de despeza, para as provincias, ainda as mais afastadas, as amostras, preços correntes, etc., etc., que lhe são pedidos, responde sem demora a todas as cartas, avia com toda a brevidade os artigos encommendados e manda por circular aos seus freguezes e as pessoas que lhe communicarem o seu nome e residencia aviso das EXPOSIÇÕES e VENDAS ANNUAES.

Todos os assignantes da ESTAÇÃO receberão uma circular no fim d'este mez.

## VIAGENS

## O BRASIL

(CONTINUAÇÃO)

A noite a cidade muda de aspecto. Ao passo que os pequenos negociantes, os trabalhadores e os marinheiros enchem as ruas e as praças publicas ou vão para os cafés e as tavernas refocillar das fadigas do dia, o rico commerciante fecha o seu escriptorio, toma o *bond* e, graças as bestas vigorosas que o levam, chega dentro em pouco a Botafogo. Ahi só se encontra verdura, risonhas *villas* pittorescamente agrupadas a beira mar ou penduradas nos flancos dos morros. Respira-se o perfume das laranjeiras e dos limoeiros; nenhuma das emanações da cidade commercial vem corromper o ar puro do mar. E' um sitio encantado, verdadeiro Eden onde se refugiam todos os felizes do mundo, todos os mimos da fortuna.

E' tambem lá que se encontra, ao pé de uma collina, o jardim botânico do Rio de Janeiro, que

se poderia cifrar como a oitava maravilha do mundo.

Escasseia-me espaço para enumerar os thesouros que lá estão accumulados; todavia não podemos omitir a magnifica rua de palmeiras que fica á entrada. São quinhentos, direitas como I, todas das mesmas dimensões, e tendo todas uma corôa de folhas da mesma grandeza e da mesma apparencia. Ha realmente razão para se julgar a gente n'um jardim encantado; as fontes, as cascatas, os repuchos que lá se encontram fazem-nos sem querer lembrar esses phantasticos dominios onde as lendas das *Mil e uma noites* põem os seus heroes.

Pôde-se dizer já agora que o Rio de Janeiro é uma das cidades mais favorecidas do universo.

Muitas vezes, porém, sob as mais bellas flores é que se escondem os reptis mais venenosos, e o Rio de Janeiro não deixa por mentiroso o proverbio. Digamos todavia desde já que a unica pecha que se lhe pôde pôr, é o seu clima torrido e a febre amarella.

Confesso que, pelo que respeita á temperatura, pouco tenho de me queixar; verdade é que não estamos ainda na epoca de grande calor. O thermo-

metro marca a média de 32° centigrados, mas graças a um vento bastante fresco, soffre-se muito menos que em nosso paiz em certos dias de verão em que o ar, segundo uma expressão vulgar, é de chumbo. Presentemente não ha febre amarella; não pude por conseguinte estudar-a de um modo tão especial como desejaria, e devo contentar-me de informações bebidas, é certo, nas melhores fontes, e que eu deligencieei obter com a maior precisão possível.

Em dezembro ou janeiro, quando o sol dos tropicos dardeja sobre a cidade os seus raios mais inflammados, é que apparece a epidimia. De umas vezes ataca em primeiro logar a tripolação dos navios surtos no porto; de outras vezes começa pela cidade. Logo que se manifesta, a epidemia propaga-se com assustadora marcha, escolhendo de preferencia os estrangeiros para suas victimas; todavia os já acclimatados estão menos expostos. Raro ataca o brasileiro e quasi se pode dizer que a raça negra é poupada. Não haveria meio de explicar estes factos sem a acclimação, que certamente não pôde ser contestado em caso algum?



Penso que ha, e eis a minha opinião a esse respeito. Como já disse, a severidade do clima exige na grande temperança; ora, o brasileiro é eminentemente sobrio, e além disso respeita em geral leis da hygiene publica e da hygiene privada. E mais, nesse periodo do anno, evita o mais que lhe possivel a moradia na cidade velha e é ainda Bofogo que lhe serve de refugio. A epidemia, effectivamente, é menos rigorosa ahi e pode-se dizer que se arrabalde fica isempto da enfermidade.

E, ao contrario, o que vemos na cidade velha, e principalmente na visinhança do porto? E' ahi que am o mercado, e os caes de desembarque das merdorias, os armazens de viveres. E' ahi que se *cumulam* em casas insalubres os numerosos trabalhadores estrangeiros, especialmente portuguezes, e veem para o Rio de Janeiro com a mira no ganho. Esses desgraçados, torturados pelo demonio ganho, desprezam as mais elementares prescripções da hygiene. O seu regimem e o mais vicioso e exclusivamente entre elles que se encontram os bedores de alcool.

Accrescentae a isso que a cidade foi construida de um modo deploravel; que em certos logares ha absoluta falta de esgotos; que um dos meios de se verem livres de uma latrina consiste simplesmente em enché-la e abandonal-a! Que admira pois que seja ahi que a epidemia exerça principalmente a sua devastação e appareça todas as vezes que as condições climaterias se prestam? Similhante estado de cousas, em nossas cidades europeas, geraria immediatamente, não o *vomito-negro*, mas certamente uma molestia do mesmo genero, o typho ou qualquer outra.

(Continúa)

DR. CH. CORBISIER,

## LITTERATURA

## O ALIENISTA

I

DE COMO ITAGUAHY GANHOU UMA CASA DE ORATES.

As chronicas da villa de Itaguahy dizem que em tempos remotos vivera alli um certo medico, o

Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos medicos do Brazil, de Portugal e das Hespanhas. Estudára em Coimbra e Padua. Aos trinta e quatro annos regressou ao Brazil, não podendo el-rei alcançar d'elle que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negocios da monarchia.

— A sciencia, disse elle a Sua Magestade, é o meu emprego unico; Itaguahy é o meu universo.

Dito isto, mettu-se em Itaguahy, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da sciencia, alternando os livros com as molestias, e demonstrando os theoremas com cataplasmas. Aos quarenta annos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco annos, viuva de um juiz de fóra, e não bonita nem sympathica. Um dos tios d'elle, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lh'o. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições physiologicas e anatomicas de primeira ordem, digerira com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excel-



Juliette Lambert

